

UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
 Centro Regional do Porto
 Faculdade de Teologia

HUMANÍSTICA E TEOLOGIA
 Publicação Quadrimestral
 ISSN 0870 — 080X

Edição e propriedade da Faculdade de Teologia
 Rua Diogo Botelho, 1327 (Tel. 680236)
 4100 PORTO
 PORTUGAL

Assinatura Anual

Portugal	1000\$00
Estrangeiro	US\$18.00

Fascículo avulso

Portugal	350\$00
Estrangeiro	US\$ 7.00

Ano 11 — Maio-Agosto de 1990 — Fasc. 2

Director: Carlos A. Moreira Azevedo

Conselho da Direcção:

Angelo Alves
 António Maria Bessa Taipa
 Joaquim Monteiro
 Manuel de Pinho Ferreira

1989

Composto e impresso:

Editora Correio do Minho — Braga
 Depósito Legal: 18086/87

Em que consiste a dignidade da pessoa humana

INTRODUÇÃO

Desde que o mundo é mundo e nele a pessoa é sujeito que interroga, a «magna quaestio», a questão central de que nos fala S. Agostinho¹ foi, é e será tentar deslindar o «como», o «porquê» e o «para quê» da consciência humana avaliativa, confrontada com o cosmos, em constante busca do sentido da totalidade da criação e da auto-avaliação, de modo a ser feliz de forma plena, perene e irreversível.

A Humanidade, aliás cada pessoa desperta, de modo mais ou menos explícito, é um ser que questiona, é um permanente perguntador sobre o sentido do «eu», do «tu», dos «outros», respectivas diferenças, possíveis convergências e, eventualmente, interroga-se sobre o totalmente «Outro». Mas tudo isto envolvido em estimulante esperança e dolosa frustração: É que a memória da Humanidade, a História Univesal, local e pessoal, lembram-nos que a auto-avaliação, as pesquisas exigentes sobre o sentido da Vida no Mundo, no constante e irreversível escoar do tempo cósmico, apontam sempre para um «mais além»; cada resposta parcial inclui ou suscita novas questões, a saciedade provisória abre para nova fome de saber e de saber «porquê». Vivemos em tensão, na intermitência do «já e do ainda não», que tem levado gente dotada ao desespero do «nunca mais», decidindo encerrar, demasiado cedo, o ciclo da pesquisa do sentido.

¹ Cfr. AUGUSTINUS, *Confissões* IV, 4 e GS (=Gaudium et Spes), n. 12.

Ao longo dos milénios, nas diversas formas culturais, com mitos, construções de sabedoria, sistemas filosóficos e teológicos, foram-se construindo modelos englobantes, tentativas de sistematizar o já sabido, o já experimentado, tentando elucidar e orientar, com sentido, a pessoa e a comunidade no eventual tempo a viver, no nevoeiro do futuro que principia sempre aqui e agora.

As sistematizações, parciais ou globais, na sua dinâmica intermitente, sempre foram marcadas pelas circunstâncias do meio sócio-cultural, geográfico e ecológico. E, para comodidade de arrumação, tornou-se clássico afirmar que no helenismo predominou a perspectiva *cosmocêntrica*, ao longo da Idade Média prevaleceu o *teocentrismo* e, a partir da Renascença, as pesquisas têm-se centrado, preponderantemente, no *antropocentrismo* sob as mais variadas e desencontradas formas e formulações. Todavia a pessoa, como indivíduo ou enquanto membro das Comunidades, enquanto ser de filosofia, de culto e cultura, continua a ser encarado como complexo *objecto científico*, como *problema*, *mistério* e *sujeito* para si mesma, para os outros e para a Comunidade política que, pretendendo e bem ser solidária, poderá tender a cair na tentação de esquecer que cada ser humano, cada pessoa deve ser sempre «a medida de todas as coisas», como proclamou Protágoras. E a razão justificativa foi genialmente formulada por S. Tomás de Aquino, O.P.: «*persona significat id quod est perfectissimum in tota natura, scilicet subsistens in rationali natura*»².

Integrando e superando os dados da Filosofia e Teologia, desde Boécio a Santo Agostinho, esta formulação metafísica ainda não teve novas achegas dignas de nota, a não ser no domínio da fenomenologia. A pessoa é pois o que há de mais perfeito, o «maximamente perfeito» na criação ou a sua «voz mais alta», na expressão de Lanza del Vasto, capaz de apresentar razões, de se justificar razoavelmente perante os outros seres intelectuais, como referem Kant e Leibniz. Porque toda a gente é pessoa, é conveniente deslindar onde está o respectivo fundamento. Avançamos já: está na «*ratio essendi*», independentemente de efectiva «*ratio cognoscendi*» ou «*ratio operandi*»; constituiu-se pelo ser, não pelas suas manifestações.

² THOMAS AQUIN., S.T. I, 29, 3.

Pascal, nas suas observações e penetrantes reflexões, sintetizou o seu pensamento descrevendo a pessoa como «um nada face ao infinito, um tudo face ao nada»³.

Por seu lado, o expoente máximo do «Personalismo total», E. Mounier, conhecedor do pensamento de S. Tomás de Aquino, em que foi eficazmente iniciado por J. Maritain, em diálogo aprofundado com o amigo G. Marcel e em contacto constante com o humanismo amputado do «*Ecce homo*» de Nietzsche, assim como com as várias formas de existencialismo e de «humanismo ateu», formuladas sobretudo a partir de K. Marx, reagiu intelectual e politicamente para proclamar o fim desses mitos acerca da «Morte de Deus» numa cultura «insignificante», porque vazia de sentido, a respeito da origem e destino da pessoa que se deve assumir e definir, livre e solidariamente, no tempo biológico que lhe é dado viver:

«Quando reflecto na curta duração da minha vida, absorvida na eternidade que a precede e a segue, o pequeno espaço que preencho e que eu próprio constato, fico abismado na infinita imensidade dos espaços que eu desconheço e que me ignoram, aterrorizo-me e espanto-me pelo facto de me ver aqui em vez de outro sítio, agora e não noutro momento. Quem me colocou aqui? Por ordem e sob a conduta de quem este local e este tempo me foram destinados?»⁴.

E, em 16 de Outubro de 1839, Fiodor Dostöievski escrevia ao seu irmão que a Pessoa «é um mistério; é necessário desvendá-lo e, se passares toda a tua vida a penetrá-lo, não digas que perdeste o teu tempo; eu estudo este mistério porque ser um homem»⁵.

A consciência apurada de que a Pessoa continua *mistério e problema*, mas cuja dignidade intrínseca, independentemente das respectivas manifestações e realizações no tempo, é frequentemente posta em questão nomeadamente no domínio das ciências por vezes redutoras da biologia humana, justifica o nosso empenhamento esclarecido e a confiança no futuro da Humanidade, com que Deus se comprometeu definitivamente

³ PASCAL, *Pensées*, n.º 72.

⁴ *Introduction aux existentialismes*, Paris, Gallimard, 1973, 38.

⁵ Cf. J. MOLTMANN, *L'homme*, Paris, Le Cerf 1974, c. capa.

na criação e se empenhou em Jesus Cristo, o libertador e restaurador da própria imagem, presente em todos os seres humanos, independentemente da raça, estatuto social, auto-actualização, seja em que momento for na História da Comunidade humana.

A problemática humana do sentido continuará em aberto, mesmo para «aqueles que se vão da lei da morte libertando», porque «é em face da morte que o enigma da condição humana mais se adensa»⁶. Aliás, a palavra *pessoa* depende do vocábulo grego «prosopon» — máscara, e sugere que dela apenas vemos o invólucro exterior, cuja essência e potencialidades se mantêm ocultas enquanto «é substância individual de natureza racional», na clássica formulação de Boécio⁷, ou seja, um ser por si, e por isso incomunicável e subsistente.

I. Papel das ciências, da Filosofia e Teologia

É função das Ciências, da Filosofia e da Teologia abrir, criar perspectivas sempre novas ou pelo menos com novidade, para penetrar o futuro, de forma esclarecida e humanizada, tornando o nosso mundo cada vez mais habitável, mais adequado à apetência da realização definitiva que a todos habita. É urgente apurar e continuar a sã tradição humanista que reflectiu sobre a intencionalidade, as potencialidades, a vocação pessoal e comunitária, inerentes à estrutura humana. É que ao longo da História, tateando e com intermitências, tem-se caminhado, em forma de espiral, para o aprofundamento da «ipseidade», ou «inseidade» pessoal, em busca de plenitude, promovendo a comunicação e a comunhão, no acolhimento sadio das diferenças, na partilha das descobertas e aspirações à Felicidade criada e Incriada: aceitamos a proposição de que é o Absoluto que a todos atrai de modos diferentes e por caminhos diversificados:

1. A Pessoa, mistério, enigma ou problema

Ao longo da história decifrada, a pessoa humana tem sido encarada, estudada sob diversos prismas: desde a estrutura metafísica, respectiva fenomenologia sócio-cultural, ética, religiosa e

⁶ Cf. GS n.º 18.

⁷ Cf. P.L. 64,1341.

estética e, nomeadamente enquanto sujeito consciente, é chamada à liberdade e respectiva responsabilidade pessoal e social, capaz de perguntar, de responder e encontrar o sentido englobante da vida psicossomática, espiritual e inserida numa comunidade pela qual é corresponsável.

2. A pessoa enquanto enigma ou problema

Vulgarmente, entende-se por problema, questões e assuntos, ainda não esclarecidos nem resolvidos, mas que, pelo menos a nível dos princípios, terão solução a curto, médio ou longo prazo, enquanto estão ao alcance das potencialidades cognitivas naturais da Humanidade. Neste sentido a pessoa, enquanto pertence ao género animal, está sob a alçada do problemático porque o domínio do somático poderá ser cada vez melhor esclarecido. Todavia a originalidade da pessoa, o seu enigma, situa-se na unidade substancial do corpo e do espírito, constituindo um só ser que interroga, que vive tentando decifrar a própria complexidade⁸.

A Humanidade tem vivido e continua a tentar decifrar o enigma que envolve as suas origens, o presente que cada pessoa vai vivendo, passando à história, com intermitência de felicidade que desponta e de desilusões que se sucedem, e ainda mais como será a continuação para além da morte biológica⁹.

A *condição humana*, tanto durante o tempo de peregrinação como depois, foi abordada na «Gaudium et Spes» sob várias perspectivas, todas envolvidas de esperança e angústia porque quase nada é evidente...¹⁰.

Face ao Cosmos a pessoa marca as devidas distâncias, enquanto é o único ser que interroga e que busca o sentido das limitações dos seres que nunca podem distanciar-se de si mesmos para fazerem um projecto, realizá-lo e avaliá-lo. A abelha e a formiga têm inscritas nos respectivos seres, sob a forma de instinto, definitivas, inalteráveis leis sobre o funcionamento homogéneo da colmeia e do formigueiro. Mas só o ser humano é capaz de tomar a devida distância crítica e avaliativa para decifrar as causas e os respectivos efeitos, modelar um projecto e

⁸ Cf. AUGUSTINUS, *Sermo* 126, II, 4.

⁹ Cf. PASCAL, *Pensées* 72, 348 e 434.

¹⁰ Cf. n.º 12 15 e 18.

passá-lo ao real, ao concreto, descobrindo as conexões e as diferenças das partes e do todo, tanto do indivíduo como do Universo.

É privilégio exclusivo da pessoa, porque ontologicamente de outra ordem de ser, com exterioridade e interioridade, capaz de introspecção, de interrogar-se e interrogar os outros seres humanos, estabelecendo as diferenças do indivíduo (in-diviso) e estabelecendo laços, conexões de comunicação e comunhão selectiva e de complementaridade. A pessoa é capaz de mito e matemática, de poesia e metafísica, de contemplação e acção, de adesão e recusa. Pode entender, avaliar e optar porque é dotada de liberdade. Todavia o enigma da unidade substancial e da identidade original mantém-se, apesar dos esforços de clarificação.

3. A pessoa — mistério

A palavra «mistério» tem múltiplos sentidos, análogos uns e equívocos outros. Uma breve referência à respectiva etimologia, talvez, possa situar a questão mais adequadamente:

Efectivamente resulta do grego «mystérion» — de «myein» e significa *realidade oculta*, encerrada e *impenetrável* pelos meios naturais. Portanto, o vocábulo «mistério» implica um duplo sentido conexo: a existência objectiva de uma entidade, mas naturalmente impenetrável pelas capacidades cognitivas naturais. E isto devido à desproporção qualitativa entre o cognoscente e o objecto a ser conhecido. Trata-se de diferentes e desproporcionadas estruturas de ser: -finito e infinito.

A Teologia clássica elaborou um subtil esquema sobre esta matéria: a palavra «mistério» é acompanhada de determinativos que apontam para vários níveis de impenetrabilidade por parte dos seres intelectuais, relativos e limitados:

- a) *Mistérios sobrenaturais*, ou seja, tudo o que se refere directamente à esfera da divindade em si, que ultrapassam a natural capacidade cognitiva humana.

Neste domínio tornou-se comum fazer uma distinção entre mistérios estritamente sobrenaturais e aqueles que só o são em sentido lato, por aproximação e semelhança.

No primeiro caso, a inteligência humana não só não poderá desvendá-los, como nem sequer induzir, deduzir, intuir ou suspeitar a sua existência.

Neste domínio, o conhecimento só foi possível por iniciativa reveladora do próprio Deus, que manifestou a própria identidade e que se aceita por adesão na Fé — v.g. Deus Pai, Filho e Espírito Santo — mantendo-se na unidade essencial e pluralidade pessoal, com o respectivo significado e implicações para a Humanidade. Todavia tudo permanecerá no domínio do crer, que é original forma de saber, ou seja, por confiança no testemunho. A Fé é razoável, mas não é racional.

Os mistérios *latamente sobrenaturais* consideram-se aqueles que, embora mantendo a situação de obscuridade, relativamente às potencialidades naturais do conhecimento humano, devido à desproporção, à diferença de ordem de ser, teoricamente pelo menos, seriam acessíveis à inteligência humana, a partir de induções rigorosas e persistentes.

Neste domínio tornaram-se famosos os «argumentos cosmológicos» de Aristóteles acerca do Motor Imóvel. S. Tomás comentando o Estagirita reconheceu o valor relativo destas pesquisas; não lhe chama «provas», mas apenas as «cinco vias». Mas também neste domínio, dada a «lentidão», à mistura com muitos erros na descoberta, Deus revelou-se à Humanidade. Mas, mesmo com as múltiplas hierofanias, Deus não é naturalmente evidente. Pelo que nos devem merecer cuidadoso respeito as pessoas que, honestamente, se colocam em posições agnósticas de vários matizes¹¹.

- b) *Potência obediencial* é uma tão famosa quanto polémica expressão teológica: Designa a possibilidade de as pessoas, criadas definitivamente à imagem de Deus, podem ser elevadas, sem violentar a respectiva estrutura de ser criado e livre, à ordem sobrenatural. Este novo e original dom comunicaria a capacidade de intuir, acolher e saborear, relativamente, o naturalmente incom-

¹¹ Cf. Col. 1, 15 e 4,3; Ef. 1, 10 e 3, 3,4 5-9.

preensível e que continua com carácter misterioso. Mantendo-se as duas ordens de ser, o Absoluto e o Relativo, não é contraditório aceitar que o autor da Criação e da Revelação possa, com congruência, desencadear uma ou outra modalidade de ser, suscitando no ser humano a busca da imitação e semelhança com o Criador¹².

c) *Mistérios naturais* é uma modalidade linguística imprópria ou de atribuição extensiva. De facto refere-se a complexas questões de ordem cósmica e humana de difícil compreensão. Mas, efectivamente, podem e devem ser deslindadas pela observação englobante, pela investigação sistemática e pluridisciplinar, para tentar perceber as partes e o todo e as respectivas referências recíprocas, nomeadamente o sentido das potencialidades e limites da aparentemente inefável consciência pessoal avaliativa, assim como do inconsciente, em permanente e desconexa actividade elaboradora, rememorativa, projectiva, em estilo fantasmagórico.

O significado da condição humana angustiada, as origens e o destino pessoal e da Humanidade, sempre acicataram e continuam a estimular a pesquisa sobre a especificidade, a originalidade do ser humano que, principiando num tempo e circunstância influentes, tende a projectar-se na eternidade, fixando-se numa plena, integrada e definitiva identidade. E foi na avaliação dos esforços, dos relativos sucessos, fracassos e aspirações da Vida da Humanidade e sucessivas revelações de Deus, pelos Profetas e finalmente, em Jesus Cristo, que o Concílio Vat. II, na sequência da melhor tradição teológica, escreveu que «o mistério do homem só no mistério do Verbo Encarnado se esclarece verdadeiramente¹³. A lei da finalidade, da apetência de felicidade, a consciência de liberdade e responsabilidade, estão inscritas, estruturam o mais profundo do ser humano¹⁴. Na medida em que estes dados não forem descobertos,

¹² Cf. Gén I e II.

¹³ Cf. *G. et Sp.* n. 22.

¹⁴ Cf. AUGUSTINUS, *Confissões* I, 1 e XIII, 9 e 35.

assimilados e orientadores de vida, a existência humana tende a tornar-se absurda, envenenada e desesperada.

4. *A perspectiva interpretativa de S. Tomás de Aquino* tem norteado o que de mais exigente se tem elaborado nos domínios da antropologia cristã e não só¹⁵. Tentaremos ser sintéticos considerando a pessoa como ente substancial, singular e completo, estruturalmente dotado de razão e liberdade a desabrochar no tempo e num espaço aculturado.

Efectivamente é do mais profundo e definitivo que foi elaborado neste domínio, de decifrar a estrutura e significado da entidade pessoal. Com efeito, não ficou ao nível da fenomenologia e do descritivo, mas efectivamente penetrou nos domínios da resposta metafísica, na constituição ontológica da Pessoa que a nível de ser, é «o mais digno em toda a natureza»¹⁶. *Esta excelência ou dignidade é intrínseca a toda a pessoa e durante toda a sua existência*, desde o processo de reprodução humana até à desagregação biológica e mesmo para além dela. É que a pessoa humana, resultante da união substancial do corpo e alma, que é a forma do todo, tem início temporal mas continua, com a respectiva identidade, para além do tempo de experiências, porque a alma tem em si o próprio princípio de ser. Principia mas não acaba. Serão sempre dois princípios, mas definitivamente referidos¹⁷. Desde a reprodução organiza-se uma entidade pertencente ao género animal, à espécie racional e livre, numa original diferença pessoal. Tendo em conta o género, a diferença específica e a individuação original, define «a pessoa é todo o indivíduo de natureza racional»¹⁸. É pois uma entidade, cuja dignidade e propriedades fundamentais são intrínsecas, constitutivas da própria entidade, a saber:

- a) *A perfeição*, enquanto é uma substância primeira ou suposto de ordem racional, senhor dos próprios actos livres;
- b) *A incomunicabilidade*, devido à singularidade ontológica, a própria entidade é incomunicável, embora seja predo-

¹⁵ J. B. METZ, *L'Homme*, Paris, Mame, 1968.

¹⁶ *S.T.* I, 29,3.

¹⁷ Cf. *S.T.*, I, 75-95.

¹⁸ *S.T.*, I, 29, 3 ad 2.

minantemente um ser de comunicação e tanto mais quanto mais denso for o foco de vida espiritual e alo-cêntrica;

c) A *totalidade* indissolúvel, enquanto é suposto que subsiste em si, por si, como sujeito último, eventualmente capaz de exercer as virtualidades ontológicas específicas de pensar, querer e amar selectivamente, porque é vocacionada para ser livre e responsável, na medida que capta o sentido do ser e agir humanos, situados no Cosmos. O ser é individualizado e tanto mais quanto maior for o grau de vida. Da racionalidade flui a liberdade. E é da experiência quotidiana que cada pessoa, primordialmente, é presença a si e conhece-se no acto intelectual¹⁹.

Daqui se segue que a dignidade da pessoa é intrínseca à própria estrutura metafísica, independentemente do exercício temporal das respectivas virtualidades, devido a erros genéticos, a acidentes ou circunstâncias desfavoráveis no percurso do próprio desenvolvimento temporal.

d) Nesta perspectiva a pessoa humana, *cada pessoa nunca mais deverá ser tomada como meio; ela é fim em si mesma*, independentemente dos sucessos ou fracassos pessoais. A sociedade sadia deverá velar eficazmente especialmente, pelos mais indefesos, pelos mais frágeis com direito intrínseco ou natural a viverem num tempo, num espaço e circunstâncias favoráveis à própria realização. A atenção, a dedicação inteligente e libertadora deve ter a medida dos respectivos acidentes limitativos. Quanto mais limitados, mais esclarecida, exigente e ilimitada deve ser a dedicação fraterna. O apoio social deveria ser proporcional às respectivas necessidades sofridas.

Cada pessoa sendo única, exclusiva, irrepitível e imprevisível, porque vocacionada para exercer a liberdade e a partilha, vive em si e por si; enquanto sujeito último, é irredutível ao número e à seriação. Orientadora de si mesma, na escolha dos meios adequados para atingir o

¹⁹ Cf. S.T., I, 29, 11 ad 1.

próprio fim, os outros devem auxiliá-la a reflectir e a ponderar; mas enquanto auto-referente, pertence-lhe em última instância, o direito de escolha responsável, das opções sobre o próprio estilo de vida que não perturbe gravemente a comunidade envolvente.

A pessoa enquanto é um *sujeito racional*, último e autónomo, pela inteligência está aberta à universalidade do ser, podendo pois teoricamente, *conhecer tudo*, tudo deslindar, tanto os efeitos como as causas próximas e últimas.

Pela vontade, orientada pela inteligência esclarecedora, *abre-se à universalidade do Bem*, à totalidade dos valores e ao próprio infinito. Em suma: a pessoa é, simultaneamente, um ser separado e incomunicado e também o mais aberto e comunicativo com o Tu, no Amor e em liberdade assumida.

e) Portanto, na perspectiva tomista, cada pessoa, em princípio, deve ser alguém que conhece e age livremente, responsabilmente. De facto, como auto-consciência subsistente, autónoma e individual, normalmente, leva à auto-percepção do «eu», diverso do «tu» e do «eles», também sujeitos diferentes, subsistentes e livres. E não se põe em questão que as modalidades da acção expressem as qualidades, a entidade do ser agente. Com efeito a pessoa interroga, investiga, programa, decide e executa uma determinada actividade, em vista de atingir um fim previsto e desejado. E também toma consciência que se envolve, que é livre e responsável no desenrolar, conduzir e concluir do processo, qualquer que sejam os resultados. E, especialmente na intervenção comunicativa, cada pessoa percebe que não é o outro, nem é ele, nem ele se identifica com o «eu». Esta experiência do dia a dia, este modo de agir e reagir, revela a identidade e diferença dos intervenientes no processo, a ontologia pessoal uma substância última, subsistente, autónoma e incomunicável. E esta unidade interna e a distinção dos outros, são devidas à forma, de natureza espiritual que, contendo em si definitivamente, o princípio da própria existência, anima, unifica, informa a

totalidade, psicossomática como alguém definitivamente diferente, original, orientado para o exercício do conhecimento e da escolha em liberdade responsável, sempre à busca do sentido para o ser e o agir, no presente e para o futuro. Neste sentido, cada pessoa é um ser eminentemente ético, responsável, mesmo quando a capacidade livre é tolhida por factores internos ou externos ao ser e ao agir de cada um.

- f) Por outro lado, na comunicação dialógica, na medida que é assumida, livre e personalizada, tomamos consciência individualizada que na relação intersubjectiva há duas ou mais causas diferentes, permanentes, livres e por isso com capacidade de iniciativa, de adesão e recusa; e torna-se uma evidência que a comunicação e a comunhão supõem, exigem a distinção, a incomunicabilidade da própria identidade. Efectivamente, *a máxima incomunicação ontológica é potencialidade para a máxima comunicação dentro do mesmo género e espécie*. Esta relação poderá conduzir ao «re-conhecimento», à aceitação fundada na *semelhança*, na identidade de natureza de pessoas, em vias de realização assumida.

No uso específico da linguagem humana, a comunicação e a aceitação recíprocas, poderão conduzir à comunhão de amizade, selectiva e livre. E esta especial relação funda-se na hipótese de ordem racional, mediante a aplicação da inteligência e da vontade que descobrindo as semelhanças radiais das pessoas, livremente buscam a convergência, na aceitação das acidentais diferenças recíprocas que surgem no respectivo «devir» temporal. Assim a pessoa na medida em que é, é amável em si e por si mesma. A máxima distinção pode levar à máxima comunhão.

- g) E a *responsabilidade*, a ordem axiológica também se funda na ordem do ser pessoal, enquanto substância individualizada, que busca o sentido, descobre a finalidade e a adequação dos meios para a atingir, de modo racional, persistente e coerente.

Sendo por si e para si, a pessoa fundamenta os valores, segundo a própria identidade age em si, por si e

para si, aberta ao pleno sentido do ser, buscando o Absoluto sem mediações, ainda que estas sejam úteis.

O objecto da vontade é, natural e primariamente, a própria Pessoa; sendo o máximo ser do universo, é nele o máximo valor. Todavia, é bom não o esquecer, a pessoa está estruturada para o ser total, «infinito» enquanto subsistente, permanente e incomunicado, dotado de inteligência e liberdade pessoal, capaz de atingir o fim natural, em si e por si, sempre aberta à totalidade — o Absoluto. «Senhor, criaste-nos para Vós e o nosso coração vive inquieto enquanto não repousar em Vós»²⁰.

5. A dignidade «infinita» de todos os seres humanos

A Bíblia não pretende ser um tratado de Paleontologia ou de História e muito menos de Biologia e ciências conexas. É sim um *livro religioso verdadeiro* que, de muitos modos e em variados estilos, revela a essencial mensagem sobre quem é Deus, quem é o ser humano, as múltiplas iniciativas desenvolvidas pelo Criador e Redentor em seu favor e que tipo de relações pretende estabelecer com as suas imagens, que são também Filhos²¹.

A primeira constante é de que Deus, Inteligência, Liberdade e Amor, toma a iniciativa de criar, acompanhar permanentemente, até oferecer a salvação à Humanidade pelo processo da Encarnação redentora. Deus ama infinitamente, é fiel ao projecto de suscitar livremente os seres humanos para a Felicidade.

Por outro lado, a História humana está cheia de *infidelidades* e de *dramas*, devidos à recusa de atenção, de respostas negativas aos diversos apelos de Deus Criador e Salvador, testemunhados no Antigo e Novo Testamento:

- a) A dignidade intrínseca, o valor sem limites de todos os seres humanos, está patente na formulação do «mito das origens»: o estilo descritivo e sucessivo da criação dos cosmos, principia ou conclui, consoante as narrativas eloísta e javista, em criação «diferente» da humanidade, a quem o Mundo é confiado para ser iluminado, gerido, desentranhado e orientado com cada vez mais apurada

²⁰ AUGUSTINUS, *Confissões* I, 1 e XIII, 9; I Cor. 7,29-31; GS n.º 35, 112.

²¹ Cf. Gen I e II e Ijo 3.

ciência, filosofia, consciência ética e estética, respeitando a finalidade dos diversos níveis dos seres, a quem é confiada a missão de lhes dar nome adequado, o que supõe conhecimento exaustivo.

- b) No Gén. I, 27 diz-se «Deus criou o homem à sua imagem, criou-o à imagem de Deus. Ele nos criou homem e mulher». Neste versículo insiste-se em «criou» — três vezes —, «à imagem de Deus» — duas vezes — e como casal ou complementariedade sexual, em pé de igualdade e idêntica dignidade.

No segundo relato, mais primitivo, Deus é apresentado como Oleiro hábil²². É Ele que toma a iniciativa planificadora do «fabrico», inspirando-lhe o próprio *sopro de vida*, divino portanto.

Parece claro que os seres humanos são *Imagem e Espírito do Criador* que sempre informa uma carne, um corpo com quem faz uma unidade substancial. É esta a perspectiva bíblica.

E a acção de Deus é concluída numa atitude contemplativa e apreciativa²³: «Tendo-os criado homem e mulher, Deus viu que era muito bom». Este «viu», com a expressão valorativa subsequente no superlativo — «muito bom» exprimem a verdade, a original perfeição do ser pessoal de todas as pessoas que são à imagem de Deus, com os três níveis de animação: «nephes» animal, do «ruah» ou relação humana interpessoal aberta à comunhão com o Criador pela «nesamath».

- c) O valor, o significado único e imortal da pessoa tornou-se, progressivamente, uma verdade central da tradição judeo-cristã. A Bíblia diz-nos que o compromisso de Deus com a Humanidade foi e é permanente. No tempo da aprendizagem e desvelamento lento, dramático e intermitente, surgem figuras com missão pedagógica de orientação para a atenção e a fidelidade a Deus. Desde Abraão (1800 A.C.), Gén. 12, 2-3, Moisés, Ex 24, passando pelos Profetas, tudo se orienta para Cristo Salvador. Assume irreversivelmente o compromisso de estar

²² Cf. Gén 2, 22. ,

²³ Cf. Gén. I, 27-31.

sempre atento à Humanidade, criada e vocacionada para O buscar, laboriosamente e em liberdade, como Criador e prometido Salvador²⁴.

Amável e discreto, Deus manifesta-se em vestígios, sinais e prodígios, mas sempre em estilo de «manifestação velada»; propõe-se sem se impor aos que sincera e aturadamente O buscam, cf. Rom. 2,6-7. Por meio dos Patriarcas e Profetas, tenta despertar e sustentar os que apeteçam o autor da esperança que não desilude²⁵.

E esta iluminação aponta, directa ou indirectamente, para a plenitude dos tempos — a Encarnação do Verbo Criador na criatura, criada à sua imagem, para que esta fosse elevada à situação filial, por comunicação de natureza e de vida, cf. Jo. 1,9; Rom. 4,11 e Heb. 1,1. Os apelos, constantes e diversificados, no exterior e no íntimo, não impediram, antes exigiram, a pedagogia da busca do sentido justo, para a vida e para a morte.

A mistura com cantados sucessos e deprimentes fracassos, o drama da Humanidade, de forma tacteante foi, e vai fazendo a própria caminhada. Dessa história vivida e sofrida, são testemunhas classificadas as diversas culturas, enquanto interpretações e manifestações vividas do mistério pessoal e social, com a respectiva envolvência — passado, presente, futuro do eu e dos outros. A busca de sentido e de plenitude manifesta-se sob múltiplas formas, como expressões nunca encerradas, com incidências e prevalências diversificadas: poesia e profecia, mística e filosofia, religião e arte, ética e estética, ciência e técnica, propondo modelos de sabedoria para viver com verdade e em paz. E também se tem experimentado que, quando predomina a rígida ideologia vesga, a ambição e o egotismo, a civilização e a vida, tendem a tornar-se árido e violento deserto.

- d) Retomando a linha interpretativa da melhor tradição teológica, o Concílio Vaticano II²⁶, resume a questão nesta formulação. «O mistério do homem só no mistério

²⁴ Cf. Gén. 3,15; 12,2-3; Jo. I,1 sg.

²⁵ Cf. Gén. 12,1-3; 21,1 e Act. 17,22 sg.

²⁶ GS, n. 22.

do Verbo encarnado se esclarece verdadeiramente». Efectivamente a Encarnação redentora do Verbo é uma nova, especial e definitiva luz para percebermos a dignidade da Pessoa, no projecto englobante do Criador e Salvador ²⁷.

Os crentes, elucidados e confiados, acreditam e confessam que Cristo encarnou, morreu, ressuscitou, está vivo e é causa da universal ressurreição, cf. Credo de Niceia. No mistério de «Deus humanado» descortina-se melhor o que significa «humanizar»: levar até às últimas consequências o potencial humano divinizado. Neste sentido, tornou-se clássica a distinção de caminhada lógica, conexas e progressiva para a plenitude humana, segundo o projecto de Deus:

- . Iniciado na criação, à imagem do Criador;
- . Maximalizado no mistério da Encarnação;
- . Vivido, concretizado no tempo eclesial;
- . Consumado na perfeição absoluta após os «tempos escatológicos» ²⁸.

Assim a aspiração, latente e permanente, é um renovado modo de ser que vem desde os começos, cf. Jeremias 23,5-6, a que vai tomando forma, cf. Ezequiel 36, 25-26, sempre à espera da Justiça, da Paz e da Alegria, cf. Rom. 1b,17 vivida em Esperança viva, cf. Rom. 8,24 e Gál. 5,, a confirmar a promessa, cf. Ex. 6,6-7. Desta plenitude em que Cristo é a cabeça social corpo harmónico e complementar, no qual já não «nem judeu, nem grego; não há escravo ou livre, não há homem nem mulher, porque sois apenas um em Cristo» ²⁹.

e) A Encarnação do Verbo é a «humanização» no seu máximo ³⁰.

Tendo em conta o que fica apontado, o mistério da Encarnação de Deus não é conclusão evolutiva da Huma-

²⁷ Cf. Jo. 1,1 sg.

²⁸ Cf. Apoc. 22,20.

²⁹ Gál. 3,27.

³⁰ Cf. Heb. 1,1-2; Gál. 4,4; Ef. 1,10.

nidade, em busca de rumo de plenitude, nem por exigência interna da estrutura, das «rationes seminales», nem por um ocasional, fortuito e feliz salto qualitativo. Pela revelação sabemos que foi uma etapa, que levou alguns a perguntar porque foi tão tardia, na História dolorosa da Humanidade, do projecto de Deus de «habitar no meio de nós», de ser um de nós e, em certo sentido, O Emmanuel — um conosco ³¹.

Poder-se-ão apresentar razões de conveniência, mas a causa é essencialmente uma: o Amor de Deus pela sua Imagem degradada, manifestado de uma forma imaginativa e arrojada, ultrapassando todas as expectativas e aspirações judaicas, de tal modo que «veio ao que era seu e os seus não O receberam» ³².

Todos aspiraram a algo diferente e melhor, a uma libertação cuja modalidade não fora nem sequer suspeitada, cf. Ex. 6,6-7, porque «fez-Se homem e habitou entre nós» ³³, tornou-Se definitivamente, um de nós. Desde a Anunciação algo aconteceu de estranhamente novo em Deus e na Humanidade: Deus tornou-Se definitivamente homem e assim a humanidade passou a estar na esfera de Deus. Desde esse momento estabeleceu-se um marco histórico «antes» e «depois» de Cristo. Este é o momento mais determinante da História humana: a todos é oferecido um salto qualitativo; nada está perdido, todos são convidados para a Festa do Amor sem fronteiras, cf. Luc. 2,13 e sg.

A salvação não consiste na oferta de dons e perdões, mas na elevação dos seres humanos à esfera da comunhão vital, filial com o Criador em e por Jesus Cristo.

Sem violentar o que era, a natureza humana é assumida, é-lhe proporcionada iluminação para que, em liberdade, todas as pessoas de boa vontade e que Ele ama, O acolham como Caminho, Verdade e Vida, tornando

³¹ Cf. Jo. 1,14; Ef. 1,4.

³² Cf. Jo. 1,11.

³³ Jo. 1,14.

este mundo um mundo outro, segundo o estilo do Reino em que tudo é graça, é dom⁸⁴.

Nós acreditamos, confessamos e vivemos com esta nova luz, esta nova certeza: Cristo recapitulou em si toda a Humanidade que existiu, existe e continuará a existir. E que Ele, «ontem, hoje e amanhã é sempre o mesmo»⁸⁵.

Deus é um só: Princípio universal e único de tudo — é *Pai*. O auto-conhecimento exprime-se no Verbo — é *Filho*; a plenitude do Ser e Conhecer traduz-se em Amor — é *Espírito Santo*.

Nesta plenitude infinita de Ser, Conhecer e Amar, é criada e mantida na existência a criação e nela, cada ser humano como Imagem de Deus que é, conhece, é livre e capaz de amar, de modo humano, como imagem consciente.

Foi num determinado tempo, local e circunstância indetectáveis, na *Anunciação*, que Deus «entrou» na *situação humana*, tornando-Se, estatística e sociologicamente, referido à História, desde o Natal. A partir daí, por iniciativa, decisão e execução divinas, estabeleceu-se um novo, original e imprevisível modo de relação entre Deus e a Humanidade. Efectivamente o «Verbo fez-se carne»: a Pessoa do Verbo, em e por Maria, assumiu em Si a natureza humana que n'Ele se individualizou. Sem confusão ou conflito, mas harmoniosamente, numa só identidade pessoal, o Verbo tornou-Se o Cristo, o Ungido. N'Ele a natureza humana, e por ela toda a Humanidade, sem perder o estatuto de criada, passou para a esfera da divindade. Desde a Encarnação redentora, definitivamente, a humanidade existe na divindade e esta na humanidade, de modo que esta misteriosa síntese faz com que se possa dizer que foi ultrapassada a concepção de lado de lá e lado de cá, esfera da humanidade e esfera da divindade, sem confusão nem panteísmo.

Isto tem a ver com a dignidade dos seres humanos. É que Jesus Cristo assumiu em Si o que nos unifica e diferencia na criação: a natureza humana. Nesta assunção, Cristo está em comunhão com todos os seres humanos, de toda a história. Donde, logicamente, se segue que tudo o que se refere aos seres humanos, refere-se, em certo sentido, a Cristo definitiva e identicamente divindade e humanidade⁸⁶.

A Humanidade, criada à imagem de Deus, foi elevada à comunhão de ser no Verbo que a assume, salva e reintegra, propondo a livre comunicação na Vida de Família, para promover a semelhança em liberdade e amizade. S. Paulo gosta de falar de Cristo como novo Adão que em si tudo recapitula, por todos morre e ressuscita, para que todos n'Ele participem da Vida redentora e ressuscitadora, para a Comunhão definitiva, cf. Rom. 12,21. Daqui segue-se uma consequência, para perceber a dignidade humana e agir de acordo: desde a Encarnação de Cristo, tudo o que fizermos à natureza humana, presente nas pessoas, fazêmo-lo a Deus que assumiu, não uma pessoa individualizada, mas uma natureza humana, para por ela com todos comunicar. É aí que todos somos iguais.

Nesta perspectiva é de ler e estudar Rom. 8,17 e todo o capítulo vinte e cinco de S. Mateus: tudo o que fizermos às pessoas, é directamente feito a Cristo: «a Mim o fizeste», «a Mim não o fizeste». Esta fraternidade concluída na Encarnação, Paixão e Ressurreição de Cristo, faz com que já não haja «judeu nem grego; não há escravo livre, não há homem ou mulher, porque «vós sois apenas um em Cristo Jesus»⁸⁷.

É esta a luz que deve iluminar todos os que vêm ao mundo, cf. Is. 60,3-4 e Jo. 1,9. E isto «porque aprouve a Deus, na sua bondade e sabedoria, revelar-Se a Si mesmo e dar a conhecer o mistério da Sua vontade»⁸⁸.

⁸⁴ Cf. Is. 60,3-4; Jo. 1,18; 8,12; 12,35; 14,6; Ef. 3,10; I Cor. 10,31 e II Cor. 8,9.

⁸⁵ Heb. 13,8.

⁸⁶ Cf. Heb. 13,8.

⁸⁷ Cf. Gál. 3,27-28.

⁸⁸ Cf. Ef. 1,9.

É que em Cristo e por meio de Cristo, temos acesso ao Pai no Espírito Santo, tornando-nos participantes da natureza divina pela mediação da Sua humanidade³⁹. Deus tornou-Se visível, fez aprendizagem humana para nos propôr, por uma pedagogia adequada e acessível, o caminhar em liberdade, conduzindo-nos à comunidade de vida, uma nova criação, fundada no amor e no perdão incondicional, na atenção até à morte, aos outros, a todos os outros⁴⁰, sendo testemunhas do Amor de Cristo⁴¹, que consumou no Mistério Pascal e agora actuante no Mundo pelos Sinais que devem atingir-nos por dentro, pela sua força de atracção e comunhão⁴², para tudo recapitular em Cristo⁴³.

Portanto, no respeito pela verdade e dignidade das pessoas, devemos imitar a Cristo. Efectivamente imitar a Deus é viver, lúcida e persistentemente, atentos e empenhados na salvação integral de todos os humanos, sobretudo os mais frágeis, os sem nome, desde que iniciam o processo histórico até à natural conclusão do ciclo biológico pela natural morte cerebral, rigorosamente verificada. É nesta perspectiva que deveria ser lido e entendido o capítulo vinte e cinco de S. Mateus.

BERNARDO DOMINGUES, OP

O «Sedutor» Tomás Escoto*

§ 1

A única e inquietantemente escassa informação que até hoje possuímos sobre a existência e o pensamento de Tomás Escoto foi-nos deixada por Álvaro Pais no seu *Collyrium*¹.

O Bispo de Silves informa-nos que Thomas Scotus² era um apóstata dos franciscanos e dominicanos³ — caso, segundo M. Esposito, bastante raro⁴ — que, antes de ser encarcerado, na sequência de um julgamento, em Lisboa⁵, havia divulgado, não sem alguma audiência⁶, já na capital do Reino, já em «algumas

* Reproduzimos aqui o capítulo III da I Parte da nossa dissertação de Mestrado em Filosofia Medieval, já apresentada na *Revista da Faculdade de Letras* (Porto, 5-6, 2.ª série, 1988-89 453-479), com o título «A temática da Fidelidade no 'Colírio' de Álvaro Pais: Juridificação e Relação».

¹ CF II, 40-78/V, 7-26 (CF *Colírio da Fé Contra as Heresias*, Estabelecimento do texto e tradução do Dr. Miguel Pinto de Meneses, Centro de Estudos de Psicologia e de História da Filosofia anexo à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2 vols., 1954, 1956).

² Certos autores (v gr., Mário MARTINS, «As Acusações contra Tomás de Escoto e a sua interpretação», *Revista Portuguesa de Filosofia*, VIII-1: 1958, 9), quiseram ver no nome SCOTUS a indicação da proveniência dessa personagem (Escócia, Irlanda ou País de Gales) no entanto Mario ESPOSITO («Les Hérésies de Thomas Scotus d'après le 'Collirium Fidei'», *Revue d'Histoire Ecclesiastique*, XXXIII: 1937, 65) lembra como a mesma palavra se applicava a italianos, espanhóis ou franceses. Se tomarmos em conta, a ampla mobilidade que afectava, então, a 'intelligentzia', também não será aceitável, sem mais, a opinião, deste autor que faz de ESCOTO «un natif de la péninsule ibérique» (cf. ID., *ibid.*).

³ CF II, 40/V, 7: «...apostata Fratrum Minorum et Praedicatorum...»

⁴ M. ESPOSITO, *Les hérésies...*, 66.

⁵ CF II, 40/V, 7: «...et de quibusdam confessus in iure, et de quibusdam convictus qui Ulisbone in carcere detinetur.»

⁶ Cf. M. ESPOSITO, *Les hérésies...*, 66.

³⁹ Cf. Ef. 2,18; II Ped. 1,2.

⁴⁰ Cf. Jo. 20,23.

⁴¹ Cf. Act. 2,32 e Jo. 3,16.

⁴² Cf. Jo. 12,23.

⁴³ Cf. Ef. 1,10 I Cor. 1,24; GS n. 45 e 48.